

Ação Coletiva

Publicação coletiva dos grupos: Ativismo ABC, Biblioteca Terra Livre, Centro de Cultura Social/SP e Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri

EDITORIAL

A terceira edição do jornal Ação Coletiva - publicação feita em parceria pelos coletivos Ativismo ABC, Biblioteca Carlo Aldegheri, Biblioteca Terra Livre e Centro de Cultura Social- em discussão os temas da precarização do trabalho imposta pela economia neoliberal, os cem anos da Greve de 1917 (e o apagamento da participação anarquista deste e outros processos históricos), a necessidade de incluir a interseccionalidade em nossas práticas cotidianas e finaliza com uma reflexão libertária a respeito do voto crítico.

Todos os textos se articulam em torno da recusa ao Estado e ao capital e da necessidade de fortalecer nossas redes de apoio mútuo para continuar resistindo. Neste contexto é importante frisar a importância da preservação de memória da luta dos trabalhadores neste momento em que o capitalismo ultraliberal se reconfigura em novas formas de exploração. Ao apresentar-se como uma inovação, a chamada economia compartilhada permanece controlada por grandes empresas, com o lucro expropriado dos trabalhadores permanecendo concentrado nas mãos de poucos.

De modo semelhante, é preciso estar atento para a polarização da política institucional que tenta novamente nos empurrar para a cilada do voto útil, como se a política se restringisse ao Estado. De um lado a direita tende a rotular de comunista/petralha quem que se opõe aos processos de liberalização econômica, se levanta contra o preconceito, a intolerância e os micro-fascismos cotidianos. Do outro, a esquerda partidarizada tenta, de forma chantageira, responsabilizar os anarquistas e pessoas que se recusam a participar da política institucional pelas mazelas decorrentes das alianças que esta própria esquerda fez em nome de seu projeto de poder.

É preciso, pois, estar atento para o fato de que os avanços sociais obtidos por governos que se dizem representantes dos trabalhadores só ocorreram por conta das alianças com o grande capital. Votar no menos pior sempre será votar em quem tem o apoio dos grandes empresários para financiar suas campanhas. O preço desse investimento dos empresários é pago com as reformas que tendem a assegurar o lucro dos ricos, tornando ainda mais precária as condições de vida da população.

O que nos difere da esquerda tradicional que tem o Estado como objetivo é não se deixar iludir por uma promessa de transformação imposta por governos necessariamente atrelados aos interesses do grande capital. Cabe a nós fortalecer as redes de solidariedade tendo em mente que a transformação social acontece de dentro para fora - dentro de nossa casa, nosso bairro, nossa cidade. A construção de uma vida libertária começa em nós mesmos e em nossos pequenos círculos para se expandir de forma orgânica para espaços mais amplos. Que todos nós estejamos atentos para essas questões e tenhamos forças para permanecer na luta.

A NOVA CARA DO CAPITALISMO E A ALTERNATIVA ANARQUISTA

Nos últimos anos temos vivido um constante aumento nos custos de vida, nos impostos, e nas descobertas de esquemas de corrupção envolvendo o estado e as empresas. Não só no Brasil, mas no mundo inteiro uma série de políticas liberais, como terceirizações, cortes de programas sociais e desmonte de direitos trabalhistas tem sido imposta. Empresas como Uber, Cabify, Airbnb tem causado grande impacto nas relações de trabalho e tem sido defendidas como grandes salvadoras no contexto de crise. Será que essas novas plataformas de venda de serviços, a chamada economia compartilhada, vem para melhorar a situação do povo ou para impor novas e mais cruéis formas de exploração? Qual é o olhar anarquista sobre todo esse contexto e o que propomos como saída?

Um recente estudo feito pelo especialista em desigualdade Thomas Piketty nos fornece números assustadores sobre o Brasil. Apenas 1% de privilegiados são donos de 27% da renda do país! O que nos leva a outra discussão. Os pobres, proporcionalmente, pagam mais impostos que os ricos, pois no Brasil, as maiores taxas de impostos estão sobre o consumo, o que incide diretamente sobre a população pobre do país. E nesse país, que é um paraíso para os milionários, o governo perdoa dívidas da Oi (50 bilhões), do banco Santander (338 bilhões), banco Itaú (25 bilhões). Lembrando que os bancos registraram altos índices de lucro nos últimos anos, e o que o governo faz? Perdoa suas dívidas! Mas caso você trabalhador, deixar de pagar um boleto se quer, te tomarão a vida e suas poucas posses. É assim que funcionam todos os governos: são aliados da burguesia e das empresas e nas constantes crises do capitalismo, prefere castigar o povo a reduzir um privilégio que seja daqueles que exploram nosso trabalho!

Com quase 14 milhões de desempregados, o Brasil oferece uma nação de trabalhadores dispostos a se submeter aos piores salários e condições de trabalho. É nesse contexto que vemos empresas de economia compartilhada, como a empresa de transportes Uber e a empresa de hospedagem Airbnb surgirem. A curto prazo, parece uma saída que beneficia diversos trabalhadores e os ajuda a gerarem uma renda extra e até mesmo uma renda principal em um momento difícil. Mas precisamos estar atentos: essas empresas, sem oferecer

estabilidade ou direitos aos trabalhadores, exploram seus meios de produção (seus carros, suas casas e suas vidas) apenas fazendo papel de intermediador entre clientes e trabalhadores, ficando com uma fatia gorda da renda gerada. Todo esse lucro vai para as sedes dessas empresas, que ficam em outros países. Aí está uma ótima forma de explorar mão de obra barata sem investir em meios de produção! Essa é a nova cara do liberalismo. Dados levantados pelo ministério do trabalho revelam que de 2012 à 2016, 3,5 milhões de acidentes de trabalho foram registrados no Brasil. Mais de 75 mil pessoas foram afastadas de seus trabalhos devido a depressão e ansiedade. As privatizações e essas empresas de economia compartilhada estão na linha de frente da precarização do trabalho.

Mas o que nós, anarquistas, propomos diante deste cenário? Organização, cooperação e autogestão!

Após mais uma crise cíclica do capitalismo, no início dos anos 2000, na Argentina, diversas empresas como a fábrica têxtil Brukman, o hotel Bauen, a madeireira Córdoba e várias outras faliram e demitiram seus funcionários do dia para a noite. Através de sua auto-organização, os trabalhadores resolveram ocupar as fábricas e assumir a gestão de todo processo produtivo. Onde antes havia um dono explorando o lucro, agora existem trabalhadores em regime de autogestão, decidindo coletivamente sobre todo processo e colhendo os benefícios!!! A partir daí, diversas empresas tomaram esse rumo, através de cooperativas e experiências autogestionárias. O trabalhador, participando diretamente da gestão da empresa é capaz de propor condições adequadas de trabalho, equalização de salários, revolucionando as relações de trabalho!!! E no Brasil também existem diversas empresas que foram recuperadas pelos trabalhadores, e até a Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários, que reúne cooperativas do Brasil todo.

Não podemos lutar contra a realidade dos aplicativos e da economia compartilhada. Mas devemos lutar contra os grandes monopólios que estão se formando, concentrando renda e destruindo qualquer empresa concorrente. Através de muita organização, seria possível os trabalhadores que são explorados pelo Uber, por exemplo, criarem seus próprios aplicativos e socializarem, entre eles, o lucro, unindo a

lógica das cooperativas e da autogestão com a economia compartilhada e a tecnologia. Fazendo com que o lucro gerado seja dissolvido em cooperativas regionais, estimulando a economia local, e não indo para os bolsos de meia dúzia de burocratas.

Ao contrário do que muitos nos acusam, de sermos desordeiros do contra que só querem discordar de qualquer coisa, nós anarquistas propomos, como sempre, a ORGANIZAÇÃO

COLETIVA dos trabalhadores, as cooperativas e a economia solidária como saída econômica para crise. Lutamos por uma sociedade sem patrões, mestres, exploradores, escravos e explorados. E apenas juntos, sem parasitas entre nós e com bastante diálogo, caminharemos rumo ao horizonte libertário que nos espera.

por Núcleo de Estudos Carlo Aldegheri ❖

ANARQUISMO INTERSECCIONAL: MOVIMENTOS MAIS INCLUSIVOS COMEÇANDO PELO ACOLHIMENTO DE MÃES E CRIANÇAS

No último ano uma das propostas trabalhadas pelo coletivo Ativismo ABC tem sido o que chamamos de Anarquismo Interseccional. Trata-se de discutir e oferecer atividades que aproximem o anarquismo das demandas do feminismo, das pessoas negras, periféricas e LGBTQIAP. Nosso intuito é que os espaços anarquistas, em sua luta diária por autonomia e autogestão sejam acolhedores e valorizem as diferenças no sentido da construção de uma vida coletiva.

Uma das atividades realizadas nesse sentido foi a roda de conversa sobre Maternidade e Espaços Políticos, realizada durante a Feira Libertária da Casa da Lagartixa Preta Malagueña Salerosa do mês de agosto. A ideia inicial era marcar uma conversa em que mães e crianças pudessem estar presentes juntas, pois se pensamos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária é fundamental que mães e crianças estejam presentes.

A tarde chuvosa já nos deu a primeira indicação de que para incluir mães e crianças nas atividades e espaços libertários não devemos pensar apenas nos horários e dias da semana mais adequados, mas também no tempo, pois se as dificuldades de locomoção já são grandes para adultos, elas se tornam maiores para quem tem crianças pequenas, cuja saúde é mais frágil. Assim, apenas três mães e uma criança (de sete anos) puderam estar presentes colocando questões muito valiosas sobre o tema.

Antes de prosseguir cabe uma explicação sobre a opção de usar a palavra mães e não mulheres para se referir a essas pessoas. Não se trata de uma redução da pessoa que tem filhos à uma única função, mas o respeito à identidade de gênero de pessoas que são mães mas que não se identificam como mulheres.

Um dos pontos ressaltados foi a crítica a uma tendência, dentro do feminismo, de considerar as mães como menos independentes ou empoderadas por terem optado por ter filhos. “Não é porque sou mãe que minha vida acabou e nem a minha vontade de lutar, pois eu quero criar um ser humano maravilhoso para ajudar a fazer deste mundo horrível um lugar melhor”, afirmou uma das participantes.

Outro ponto destacado foi o fato de que há pouca sensibilidade com relação à solidão materna. Embora em geral nos meios militantes

se reconheça que as mães ficam sobrecarregadas com os cuidados dos pequenos, poucas pessoas tomam iniciativa de se oferecer para dividir os cuidados. Se uma criança chora, precisa ir ao banheiro, ser alimentada ou simplesmente demanda atenção para brincar, espera-se que a mãe seja a pessoa a sair dos debates e atividades para atender os pequenos.

“É preciso que as pessoas estejam abertas a compartilhar responsabilidades. Muitas pessoas estão dispostas a dar palpites na criação e poucas se mostram abertas para ajudar”, diz outra companheira. É importante que as pessoas sem filhos perguntem aberta e diretamente às mães como ajudar e não esperar que elas peçam auxílio. Isso pode ser feito de várias formas, se oferecendo para ficar com a criança enquanto a mãe participa de um debate, ajudar a carregar a criança ou sacolas com fraldas, mamadeiras e outros materiais, etc.

Isso incluiu os companheiros que se identificam como homens (cis e trans), pois na maioria das vezes os cuidados com crianças ainda são vistos como algo feminino. É comum que nos debates mistos sobre questões de gênero os homens, com ou sem filhos, participem das discussões e deixem a responsabilidade de cuidar dos pequenos (e outras tarefas como limpeza e cozinha) a cargo das pessoas não-homens (mulheres cis, trans e pessoas não-binárias). Romper com esses padrões de comportamento que são impostos socialmente requer uma postura ativa de todos interessados na construção de um novo modo de se relacionar e atuar juntos politicamente.

Conforme cita Akire, do coletivo Fenikso-Nigra, uma das maiores dificuldades inclusão dos pequenos em espaço de militâncias é a falta de empatia dos companheiros e companheiras que relega as mães a uma posição de serviçais reprodutoras dóceis, chamando de históricas as mães que reagem a isso se colocando com firmeza e sem rodeios.

De acordo com as mães ouvidas para esta reflexão, uma forma interessante dos espaços políticos incluírem mães e crianças é tomar para si a responsabilidade de educar para a solidariedade e apoio-mútuo, pensando em jogos e atividades que incluam a participação de crianças e adultos para praticar cooperação e trabalho coletivo.

por Ativismo ABC ❖

Resenha: Carlo & Anita Aldegheri



Acaba de ser lançado o livro “Carlo & Anita Aldegheri: Vidas Dedicadas ao Anarquismo”, formato 14 x 21 cm, 115 páginas, numa edição em conjunto entre o Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri (NELCA) e o Centro de Cultura Social de São Paulo (CCS-SP).

O livro contém uma biografia sobre a trajetória de Carlo & Anita Aldegheri, além de um texto de lembranças pessoais sobre a família, para finalmente chegar na sua parte mais importante: duas entrevistas feitas com o próprio Carlo Aldegheri, uma em 1991, e outra em 1994, poucos meses antes do seu falecimento. Além de ilustrações retiradas quase que exclusivamente de arquivo familiar...

Apesar da edificante trajetória militante que o casal teve, quase foram completamente esquecidos, inclusive, pelos próprios anarquistas. E o objetivo desse livro é justamente resgatar essa história negligenciada...

Carlo Aldegheri foi um anarquista italiano que iniciou sua militância na França, na década de 20. No início dos anos 30, muda-se para a Espanha, onde conhece sua companheira por toda a vida: Anita Aldegheri. Nessa época, a polícia política italiana já investigava seus passos.

Ambos participaram de meetings (comícios) de anarquistas como Buenaventura Durruti, Francisco Ascaso, Juan Garcia Oliver, Federica Montseny entre outros...

Tomaram parte da guerra civil espanhola (1936 – 1939), Carlo lutando no front da guerra, na Milícia Alpina de Sabadell; Anita por sua vez era filiada à C.N.T. (Confederación Nacional del Trabajo), a maior organização operária da época, trabalhava em fábricas e no pronto socorro, além de ter participado das manifestações do enterro do revolucionário Buenaventura Durruti, em novembro de 1936, em Barcelona, com outras 250 mil pessoas.

Durante a ofensiva fascista, a família se muda para a França e são separados. Anita vê-se obrigada a trabalhar em uma fábrica de material de guerra, além de cuidar de sua filha Primavera. Carlo vai passar por no mínimo 10 prisões diferentes, incluindo campos de refugiados franceses e campos de concentração sob domínio fascista e nazista.

Em 1943, Carlo consegue fugir de um campo de concentração fascista e retoma a militância anarquista clandestina através do Comitê de Libertação Nacional, é descoberto e preso novamente.

Nos anos 50, a família Aldegheri muda-se para o Guarujá, integram-se ao movimento anarquista brasileiro. De José Oiticica à Jaime Cubero tiveram contato com várias gerações de anarquistas. Participam de todos congressos anarquistas que podem, assim como das atividades promovidas pelo Centro de Cultura Social de São Paulo e da Sociedade Naturista Amigos de Nossa Chácara. Investem recursos financeiros em quantidade, e sem hesitar, nas atividades promovidas pelo movimento anarquista brasileiro.

Quem tiver interesse em adquirir o livro, ou organizar o lançamento do livro na sua cidade ou no seu bairro, basta entrar em contato com o Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri ou com o Centro de Cultura Social.

A HISTÓRIA NEGADA

“Controlar o passado ajuda a dominar o presente (...) São os poderosos dominantes Estados, Igrejas, partidos políticos ou interesses privados que possuem e financiam veículos de comunicação e aparelhos de reprodução, livros escolares e histórias em quadrinhos, filmes e programas de televisão” (Marc Ferro)

Até a década de 1980 é como se no Brasil não existisse o anarquismo. Com poucas exceções, quando muito, era retratado como movimento de trabalhadores anarcossindicalistas do início do século passado, utópico, atrasado, pequeno burguês.

A historiografia brasileira não retrata a história dos anarquistas brasileiros. Consequentemente os livros didáticos escolares nada ou pouco trazem sobre o anarquismo.

Poucos filhos de trabalhadores cursam a universidade, menos ainda continuam estudando. O maior número são de intelectuais comprometidos com seus interesses de classe social, filhos da classe dominante ou políticos partidários, marxistas, liberais, etc, que negaram em seus trabalhos acadêmicos a existência do anarquismo em nossa história. Existem exceções, companheiros acadêmicos inclusive anarquistas comprometidos em dar o devido valor a história e importância do anarquismo.

A maioria dos trabalhos acadêmicos que retratam o anarquismo o fazem de forma equivocada indo até no máximo a década de 1930, depois é como se o anarquismo tivesse deixado de existir. As diversas lutas dos anarquistas, como as sindicais que foram apropriadas na legislação pelo Estado, pelo fim da exploração do trabalho infantil e da mulher, por melhores condições de vida, as greves, algumas como a geral de 1917, que proporcionalmente foi a mais radical e que envolveu maior número de trabalhadores das que aconteceram depois, as publicações, os centros de cultura, o teatro, tudo isso simplesmente desapareceu da história brasileira.

O anarquismo foi o movimento mais reprimido durante as décadas iniciais do século passado, as prisões, a colônia de Oiapoque, as deportações e assassinatos

assim provam. A forma brutal como a legislação trabalhista foi aprovada garantindo precários direitos aos sindicatos que obrigatoriamente aderissem a uma nova forma de organização sindical inspirada no fascismo italiano, etc, contribuíram para o enfraquecimento do anarquismo e de sua força social entre os trabalhadores e a população em geral.

Negam a história acreditando dessa forma enfraquecer o anarquismo, mas todo anarquista efetivamente atuante procura ter sua biblioteca, guardar seus documentos, ser um estudioso de todas as questões que afetam a vida em sociedade. Um dos princípios caros aos anarquistas é o de ação direta que nos impulsiona a estudar e procurar as respostas para os problemas que nos afligem sempre nos associando com outros trabalhadores, explorados e oprimidos.

Sabem os anarquistas que não podem esperar nem depender da academia, dos intelectuais para preservar, resgatar, analisar e produzir sua própria história. Assim o faz o CCS/SP e tantos outros grupos e indivíduos.

Nas últimas décadas o movimento anarquista floresceu, multiplicam-se os grupos e as iniciativas libertárias em vários lugares do Brasil. Grupos de estudos dos mais diferentes temas, grupos dos mais diferentes matizes convidam amplos setores da sociedade para reverem seus valores e princípios, suas formas de organização, de luta para a organização e de organização para a luta.

Cresceu enormemente as produções sobre o anarquismo brasileiro. Muitos grupos editam e publicam seus livros sejam clássicos, trabalhos acadêmicos ou não que buscam dar conta da vida em sociedade sempre trazendo uma leitura crítica, sugerindo de forma prática possíveis caminhos a seguir de forma livre, antipatalista, socialista, horizontal, autônoma, autogestionária, federativa, solidária, enfim libertária para uma nova sociedade.

Os anarquistas têm a clareza do provérbio africano “Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias

Que tal verificar seus conhecimentos sobre a Greve Geral de 1917?

A	F	G	B	C	V	E	I	O	S	E	T	N	A	R	A	L	T	I	N	O
T	R	A	M	I	C	A	Z	I	L	X	C	U	N	I	I	O	P	K	J	L
B	A	R	R	I	G	V	N	E	M	E	U	G	S	R	T	R	E	H	O	
O	P	E	R	A	R	I	A	A	U	A	S	F	E	S	A	D	E	R	A	T
Q	L	W	Ç	H	F	L	J	I	E	K	O	G	L	T	T	Y	H	G	S	J
V	E	A	C	X	R	E	R	M	N	M	A	R	I	A	E	B	C	F	E	R
Z	B	S	X	C	E	D	G	A	R	D	R	V	N	B	L	I	O	P	F	S
M	E	H	N	V	D	B	I	D	O	C	E	I	A	X	O	R	T	N	E	C
L	U	I	Z	Z	E	A	G	S	T	D	S	P	R	T	R	E	U	Y	D	W
P	O	N	U	Y	R	E	I	R	H	Q	D	S	S	A	P	A	O	E	I	O
V	E	G	B	R	I	T	O	A	S	U	P	E	O	R	T	E	I	S	O	U
B	A	T	X	C	C	V	G	H	U	I	E	R	A	I	O	R	N	T	G	U
J	H	O	R	C	O	T	O	N	I	F	I	C	I	O	A	S	O	E	R	T
G	E	N	T	R	U	I	P	L	K	V	B	M	Z	E	N	I	T	R	A	M
M	J	K	T	G	U	R	I	O	S	T	E	R	U	I	P	L	N	C	U	H
B	O	M	S	I	L	A	C	I	D	N	I	S	S	O	C	R	A	N	A	X

- 1) Anarcossindicalista acusado de mentor intelectual da greve (4 nomes)
- 2) Sinônimo de sindicalismo revolucionário
- 3) Importante anarcocomunista da época (2 nomes)
- 4) Principal órgão da imprensa anarquista que divulgou a greve
- 5) Primeira fábrica a paralisar por conta da greve (2 nomes)
- 6) Primeiro operário morto (2 nomes)
- 7) Organização dos trabalhadores, desempregados e donas de casa (2 nomes)
- 8) Organização criada para defender e organizar os trabalhadores em greve (3 nomes)
- 9) Dois repressores da greve foram o prefeito e o presidente (2 nomes cada)
- 10) Operária que desempenhou importante papel na greve (3 nomes)

de caçadas continuarão glorificando o caçador” (Eduardo Galeno)

A história negada está sendo resgatada e escrita por aqueles que de fato necessitam e acreditam nessa história os próprios anarquistas.

Sugestões Leitura:

As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária. Yara Aun Houry. Cortez, autores associados. SP. 1981. <https://drive.google.com/file/d/0B1Q0j8wrlF0GcDZ0clFNbW-1QLWM/view>

O espírito da revolta (A greve geral anarquista de 1917). Chistina da S. R. Lopreatto. Tese Doutorado, 1996, Unicamp/SP. [https://we.riseup.net/assets/188046/O%20esp%C3%ADrito%20da%20revolta%20A%20greve%20geral%20anarquista%20de%201917%20\(Christina%20Lopreatto\).pdf](https://we.riseup.net/assets/188046/O%20esp%C3%ADrito%20da%20revolta%20A%20greve%20geral%20anarquista%20de%201917%20(Christina%20Lopreatto).pdf)

O Movimento operário e a greve geral de 1917. Edgard Leuenroth. CCS/SP. 2016

por Centro de Cultura Social ❖

Lançamentos



Mujeres Libres da Espanha: Documentos da Revolução Espanhola de Margareth Rago e Maria Clara Pivato Biajoli. A Biblioteca Terra Livre reedita o livro, que reúne textos e documentos das participantes do grupo Mujeres Libres, ativo durante o período da Guerra Civil Espanhola.



Lançamento do livro *O Futuro de Nossas Crianças e Outros Escritos* com coletânea sobre educação libertária, com textos de Élisée Reclus, Domela Nieuwenhuis, Charles-Ange Laisant, Émile Lamotte e Jean Grave, editado em conjunto pela editora Intermezzo e Biblioteca Terra Livre.



O livro *Leituras Libertárias*, resultado da tese de mestrado de Lúcia Parra faz um estudo do perfil de leitura e circulação de livros no meio libertário na década de 1930. O Centro de Cultura Social edita o livro na mesma linha de publicações que trata do movimento anarquista no Brasil nesse período mais próximo, a partir de 1930.

VOTO CRÍTICO, ESTRELA OU PANELAS

Com quantos golpes se escreveu a história dessa invenção chamada Brasil? O primeiro, decerto, foi dado pelos europeus há 500 anos. Uma “pena” que ainda não existia facebook e #ForaCabrál para xingarem muito. Desde então, golpes e mais golpes foram dados em quem trabalha muito para sobreviver, sem nenhuma pouca dignidade. Imperadores, nobres, banqueiros, empresários, políticos, juizes...golpistas em geral. O Estado é um golpe por excelência.

Como esperança para vencer o último golpe e substituir o presidente não eleito e impopular, ressurgiu um herói conhecido: Pai Lula, o salvador dos pobres. Odiado por muita gente, idolatrado por tantas outras. Já conhecemos essa parte da história: um pedaço de bolo para a população e o restante inteiro para a manutenção do capital. E foi assim nos 4 mandatos do PT, que escolheu a conciliação de classes como programa de governo, disfarçando essa

relação com um populismo muito bem desenhado com programas sociais. As faculdades particulares e as grandes construtoras, por exemplo, foram as maiores beneficiárias de programas como o “ProUni” e o “MinhaCasa, MinhaVida”. Em tempos de vacas gordas, os bancos ganharam ainda mais dinheiro. Os ricos ficaram ainda mais ricos, enquanto os miseráveis ficaram pobres e alguns pobres subiram para a tal classe média. O principal movimento social do país, MST, combativo durante as décadas passadas, também entrou no jogo e trocou o fogo das barricadas pela água gelada nas mesas de negociação. Lula&Dilma, Partido dos Trabalhadores, fundamentais para o apaziguamento da luta de classes no Brasil, fundamentais para o capitalismo. O PT deu um golpe nos trabalhadores. Mas em tempos de Temer, cortes de direitos mínimos e regresso social e quem sabe até uma nova ditadura militar, o menos pior volta a parecer ótimo e o único lugar possível a se chegar. Em 2018 a estrela terá, além da imensa massa convicta, um grande aliado: o voto crítico. “Não gosto do PT nem do Lula, mas vou votar 13 pra direita não ganhar”, dirão muitas pessoas. E quem não fizer igual automaticamente torna-se reacionário, coxinha.

E nesse cenário criam-se duelos: Petralhas x Coxinhas. #ForaTemer x Panelas. Carta Capital x Veja. Lula x Bolsonaro. Lula x Moro. Lula X Alckmin. Lula x Dória.

Não gastaremos linhas demais para falar mal dos oponentes de Luis Inácio. Não por fazer o jogo da direita, como dizem por aí de quem vota nulo ou não vota. Só não perderemos tempo, uma vez que esse é um jornal anarquista, que defende

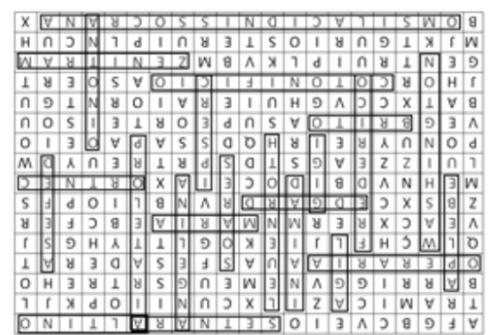
a revolução social e o poder popular, portanto é óbvio que Bolsonaros, Moros, Aécios, Dórias e demais militares e almofadinhas são inimigos das trabalhadoras e trabalhadores. Assim como deveria ser óbvio que o PT, ou qualquer partido dito de esquerda, também são. Enquanto olhamos da direita pra esquerda, o estado nos massacra de cima pra baixo.

No ano que a Greve Geral de 1917 completa 100 anos fica um resgate esperançoso da memória de resistência. Que o trabalho de base volte à nossa prática. Que a ação direta e o apoio mútuo voltem ao centro da luta das oprimidas e oprimidos. Existe política além do voto. Precisamos retomar a luta de classes, por nós mesmos, nos nossos bairros, escolas, empregos, centros sociais, sem esperar que representantes façam algo. Buscar a autogestão e a horizontalidade. Só a luta muda a vida. Voto crítico, estrela ou panelas? Levanta a sua bandeira preta, anarquista!

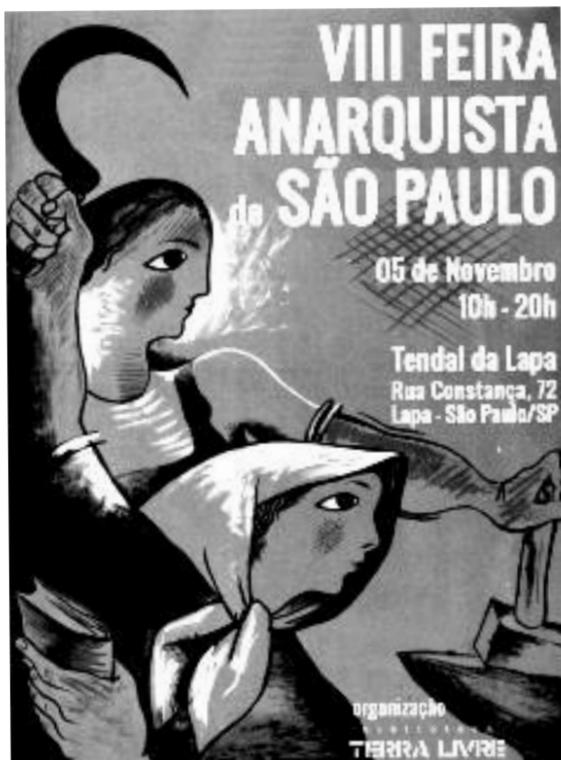


por Biblioteca Terra Livre ❖

Resposta da Quadrinha da p.3



VIII FEIRA ANARQUISTA DE SÃO PAULO



A Biblioteca Terra Livre organiza a VIII Feira Anarquista de São Paulo, dando continuidade ao já tradicional encontro anual de anarquistas e simpatizantes do mundo inteiro.

Na edição deste ano, assim como nas anteriores, acontecerá mostra editorial e venda de livros, jornais, revistas, fanzines e outros materiais libertários. A Feira de São Paulo pretende reunir editoras libertárias do país e do exterior.

Paralelamente à mostra editorial haverá palestras e debates, assim como diversas atividades culturais, como exposições, poesias, apresentações teatrais, musicais e outras atividades.

05 de novembro de 2017

Local: Espaço Cultural Tendal da Lapa
Rua Constança, 72 – Lapa, São Paulo
Próximo à estação de trem e terminal de ônibus Lapa
Entrada Gratuita.

Expediente

Ação Coletiva nº 3
São Paulo, Santo André, Guarujá / SP
Outubro de 2017
TIRAGEM: 5.000 exemplares
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
CONTATO: Diretamente com os coletivos



Núcleo de Estudos Libertários
Carlo Aldegheri

Rua Luiz Laurindo Santana, 40, Sala 1
-Ferry Boat - Guarujá - SP
C.P. 15 - Guarujá/SP - CEP 11410-971
www.nelcarloaldegheri.blogspot.com.br
facebook.com/nelca.carloaldegheri
email: nelca@riseup.net



Ativismo ABC

Rua Alcides de Queiroz, 161 -
Casa Branca - Santo André/SP
facebook.com/groups/lagartixapreta
email: ativismoabc@riseup.net



Biblioteca Terra Livre

C.P. 195 - São Paulo/SP - CEP 01031-970
facebook.com/bibliotecaterrallivre
www.bibliotecaterrallivre.noblogs.org
email: bibliotecaterrallivre@gmail.com



Centro de Cultura Social

Rua General Jardim, 253 sala 22 -
República - São Paulo/SP
C.P. 702 - São Paulo/SP - CEP 01031-970
www.ccssp.com.br
facebook.com/CCSSP33
email: ccssp@ccssp.com.br